

**Resenha****A magia da realidade: mitos, ficção e ciência****The magic of reality: myths, fiction and science**

DAWKINS, Richard. **A magia da realidade**: como sabemos o que é verdade. Ilustrações de Dave McKean. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

José Douglas Alves dos Santos¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, Brasil

Em tempos em que representantes políticos vêm disseminando falsas informações à população como medida de cuidado e proteção referente ao novo coronavírus (COVID-19), como sugeriu, por exemplo, o até então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com a criação de injeções de desinfetante como uma possível forma de eliminar o vírus do corpo, causando grande repercussão na mídia por meio da comunidade científica, que repudiou a ideia – ideia esta que trouxe graves consequências: segundo a rede NBC (2020), 18 horas após o discurso de Trump, a cidade de Nova York teve um aumento considerável de chamadas de emergência por ingestão de desinfetante caseiro –, convém retomar algumas obras e autores de relevo na sociedade.

Não obstante, outra evidência que nos leva a retomar tais obras e autores está diretamente associada às recentes acusações contra a Ciência, também legitimada por “líderes” mundiais, como o representante brasileiro Jair Bolsonaro e seu guru ideológico, Olavo de Carvalho, que questionam teorias e ideias basilares da ciência moderna. Um dos perigos de questionar o saber científico e colocar a fala de representantes políticos, como a do referido presidente, acima da de especialistas, está no sentimento de descrédito que se atribui à Ciência e atinge suas instituições (como as universidades), deixando pesquisadores numa posição delicada, de acordo com Ana Beatriz Rosa (2019, s/p). Outra grave consequência é a veiculação de informações falsas que não contribuem para conter os riscos do vírus e nem tampouco o medo da

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA) e também participa do Coletivo Tecendo: cultura arte educação. Idealizador e coordenador do Zensacionalista. Escritor, cinéfilo, criacionista e Desmistificador de Dálias. E-mail:jdneo@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7263-4657>.

população. Para a área da Educação, tais ações governamentais atestam um desastre iminente.

Mais do que repercutir desinformação, o resultado desse processo é o retorno de antigos paradigmas, como o da ortodoxia religiosa (que na verdade ainda é muito presente na sociedade) ao modo de percepção universal em relação ao da Ciência, chegando ao absurdo de considerarmos pertinente defender a tese de que a Terra não é plana e que o aquecimento global não se trata de mera invenção. E assim como um vírus, essas crenças religiosas também se propagam “em epidemias e, ainda mais obviamente, são transmitidas entre as gerações formando tradições longitudinais e promovendo enclaves de irracionalidade típica de cada lugar” (DAWKINS, 2018, p. 335).

Como constata Rosana Pinheiro Machado, “os fanáticos anti-ciência não se consideram anti-ciência – e entender isso é fundamental. O que está em jogo é uma disputa por novos discursos, regimes de verdade e fontes de autoridade” (2020, s/p). Na promoção ilógica de suas ideias e ideais, os extremistas que divagam contra a ciência e buscam enaltecer uma concepção de mundo centrada em determinada religião, na maior parte das vezes não está preocupada com uma compreensão mais sensata dos fenômenos que anuncia e denuncia; a pretensão, muitas vezes não passa de um ataque arbitrário contra o conhecimento e o direito de acesso a esse conhecimento. “Para mim, a compreensão sempre vai ser muito mais digna de respeito do que a ignorância”, como nos sugere Douglas Adams (2014, p. 117).

É por isso que retomar certas obras pode contribuir contra tais discursos e práticas. Sobretudo nesse momento de pandemia generalizada que acomete o planeta, em que as pessoas precisam encontrar outras formas de socialização, interação e relação com o mundo, com os outros e consigo mesmas. Nesse caso, a recomendação de livros pode ser um ponto de partida importante para as mudanças em voga causadas pelo novo coronavírus.

“**A magia da realidade**: como sabemos o que é verdade”, lançado no Brasil pela Companhia das Letras em 2012, com tradução de Laura Teixeira Motta, é uma obra escrita pelo biólogo evolucionista britânico Richard Dawkins, autor conhecido por alguns como uma divindade da ciência, sendo considerado hoje um de seus principais expoentes, e por outros como o diabo encarnado (VERSIGNASSI, 2019). Embora suas teorias e suas obras sejam amplamente aceitas e divulgadas pela comunidade científica, há muitos indivíduos, sobretudo ligados à religião, que pensam e tentam promover o contrário.

Discussões à parte, em “A magia da realidade” Dawkins faz uma incursão pela realidade, partindo dos mitos, da ficção e da ciência. O termo empregado no título, “magia”, diz respeito, segundo o autor, a três sentidos que costumam ser relacionados a ele. O primeiro sentido é o da “magia sobrenatural”, o segundo é a da “magia de palco” e o terceiro diz respeito à “magia poética”.

No primeiro sentido, a magia refere-se aos mitos, contos de fadas e milagres, histórias contadas e transmitidas de geração a geração, durante muito tempo pelos relatos orais, que geraram modos de ver e perceber o mundo. À exceção dos milagres, que estão para a religião como as leis para a legislação, o autor britânico considera os mitos e contos de fadas como um tipo

de magia em que todos já sabem que se trata apenas de uma ficção, que não acontecem de fato.

O segundo sentido de magia que Dawkins apresenta, a magia do palco, em contraste com a anterior realmente acontece e é encenada, planejada e ensaiada, podendo inclusive ser muito divertida. Mas o que acontece não é uma magia propriamente dita, da forma como muitos na plateia podem acreditar. A ilusão de que algo espantoso, até mesmo sobrenatural aconteceu não se trata de nada além de um truque, em que somos enganados pelo nosso olhar – ainda que existam muitos farsantes e charlatões que tentem nos convencer do contrário.

Já o terceiro sentido, a magia poética, por sua vez refere-se àquilo que é “profundamente comovente, estimulante, algo que nos deixa arrepiados e nos faz sentir plenamente vivos” (p. 22). Em outras palavras, essa magia poética diz respeito à realidade, e o biólogo evolucionista vai buscar em “A magia da realidade” demonstrar que os fatos do mundo, devidamente ancorados e compreendidos por meio da Ciência, têm uma magia própria que é não somente tão deslumbrante e atrativa quanto as anteriores, mas que, além disso, tem o potencial de nos aproximar cada vez mais da verdade – isso em relação aos fenômenos que contrariam nossa noção de realidade e que ainda não têm uma explicação científica.

Dividido em doze capítulos, cada um deles trata de um aspecto específico da realidade. O primeiro, *O que é realidade? O que é magia?* (p. 12-31), é o ponto de introdução da obra, em que Dawkins apresenta os sentidos de magia anteriormente citados e descreve que é com base no último que sua reflexão estará centrada, na tentativa de nos mostrar que “o mundo real, como é entendido cientificamente, tem sua própria magia. Eu a chamo de magia poética, uma beleza inspiradora que é ainda mais mágica porque é real e podemos compreender como funciona” (p. 31).

Na sequência temos *Quem foi a primeira pessoa?* (p. 32-53), que ilustra o tema seguindo desde um mito de origem baseado na cultura de um grupo aborígene tasmaniano ao mito de origem baseado nas tribos hebraicas do Oriente Médio, da cultura judaico-cristã, trazendo ainda a versão dos povos nórdicos da Escandinávia para dialogar sobre o assunto. Depois desse percurso inicial, Dawkins responde à questão que nomeia o capítulo, afirmando que nunca houve uma primeira pessoa – o que equivale a outros seres vivos também –, porque toda criatura que já nasceu pertence ao mesmo ancestral, que veio do mar há mais de 185 milhões de anos. Dawkins então destaca termos “um ancestral comum com cada uma das espécies de animais e plantas do planeta” (p. 52), devido à similaridade de nossos genes com os outros seres vivos.

Por que existem tantos tipos de animais? (p. 54-75), é o terceiro capítulo da obra. Aqui Dawkins utiliza as mudanças estruturais das línguas para comparar com as mudanças nas espécies; espécie, definida pelo autor, como um grupo de animais ou plantas capazes de cruzar entre si e procriar. Segundo o biólogo britânico, assim como acontece uma variação linguística espaço-temporal, há também uma que ocorre nos seres, sendo o DNA o equivalente às palavras. Por meio do “reservatório gênico” (algo como a mistura de genes em cada organismo, proveniente do cruzamento das espécies) é possível perceber tais mudanças. “A espécie evolui pelas

mudanças nos números de genes no reservatório gênico. É isso que significa evolução” (p. 73).

O quarto capítulo, diferentemente dos anteriores não começa com a narrativa de um mito, porque o tema tratado, segundo Dawkins, não está presente em nenhuma das mitologias até então conhecidas. *Do que são feitas as coisas?* (p. 76-95) trata de átomos, elementos, compostos e moléculas, demonstrando que o mundo é formado por “coisas incrivelmente minúsculas, que não podemos ver a olho nu” (p. 95). Para um(a) jovem em formação escolar, ter acesso a tais temas por meio das palavras do escritor britânico pode contribuir naquilo que muitos professores tentam, mas poucas vezes conseguem alcançar: instigar a curiosidade e levar ao entendimento do conteúdo. É possível notar uma didática narrativa primorosa em Dawkins para a compreensão de temas deveras complexos.

E então ele parte para o quinto capítulo, *Por que temos noite e dia, inverno e verão?* (p. 96-117), afirmando a relevância dos ritmos fundamentais que regem nossa vida, um mais rápido (a alternância entre escuridão e claridade) e um mais lento (entre inverno e verão). Tais ritmos estão presentes em um grande número de mitos, especialmente quando se trata do ciclo noite-dia, que inspirou diversas histórias ao longo do tempo. Dentro dessa temática, Dawkins constata que a maioria das espécies vive em plena atividade conforme o período do dia, como os humanos e a maioria das aves, que dormem à noite e fazem suas atividades no período oposto; assim como em relação aos períodos mais quentes e mais frios, dando o exemplo dos animais que hibernam durante o inverno.

O que é o sol? (p. 118-139) é a pergunta-chave que abre o capítulo seguinte. Ao retomar as narrativas mitológicas, o escritor britânico traz grandes civilizações na América Central e do Sul, como os incas, os astecas e os maias, que adoravam o Sol e o associavam diretamente aos seus deuses. Para responder sua pergunta, Dawkins parte da diferença entre uma estrela e um planeta, além de falar sobre a atração gravitacional. Nesse sentido, o sol é mais uma estrela entre as tantas existentes, em seus diferentes tipos e tamanhos, sendo a partir delas (de suas explosões ocasionais, ainda que raríssimas) que surgem os elementos necessários à vida; o que corrobora a afirmação de que somos mesmo poeira das estrelas. No entanto, o sol não seria somente mais uma estrela, porque para a vida na Terra é ele quem disponibiliza a energia necessária para a existência.

O sétimo capítulo, *O que é um arco-íris?* (p. 140-159), começa com uma das mais antigas histórias que se tem registro, anterior às lendas gregas e judaicas. Trata-se da epopeia de Gilgamesh, um mito da milenar civilização suméria, surgido na Mesopotâmia (hoje Iraque), entre cinco e seis mil anos atrás, muito semelhante à narrativa da Arca de Noé. Nesse mito, Gilgamesh relata o encontro que teve com um ancião, Utnapashim, que lhe conta a história de quando foi alertado pelo deus da água a construir um barco e levar até ele a semente de todos os seres vivos, antes da grande inundação que estava por vir. Após o evento anunciado, outro deus criou o primeiro arco-íris como símbolo da palavra atribuída aos deuses para não enviar mais dilúvios de tamanha magnitude.

Na história judaica de Noé, que Dawkins considera como a lenda de Utnapashim recontada, há algumas poucas diferenças em relação à narrativa

anterior, e o arco-íris que também encerra a lenda diz respeito a um arco que Deus teria colocado no céu como um sinal de sua aliança com Noé e sua família. O autor ainda traz outro mito sobre o arco-íris, dessa vez do povo chumash da ilha de Santa Cruz, na costa da Califórnia, para em seguida descrever como a verdadeira magia do arco-íris acontece, remontando ao experimento de Isaac Newton e que resultou na obtenção de um “arco-íris”, denominado espectro. Newton supôs que a luz branca era uma mistura de todas as cores e dessa forma decifrou o enigma e a magia do arco-íris. E Dawkins termina o capítulo introduzindo o posterior, pois é por meio do espectro decorrente dos arco-íris que hoje conseguimos saber do que uma estrela é formada e também a idade média que ela tem, além de gerar dados que permitem calcular a idade do universo e quando tudo foi originado.

Quando e como tudo começou? (p. 160-181) inicia novamente com os mitos, dessa vez com os mitos de origem, contendo um africano (de uma tribo banta do Congo, os boshongos), um de origem chinesa, outro grego e mais um indiano. O que decepciona Dawkins nesses mitos de origem é que em todos se pressupõe a existência de algum ser vivo antes que o próprio universo tivesse surgido; nenhum deles explica como o criador do universo apareceu. Então ele traz a versão moderna da teoria do Big Bang, que segundo tal modelo o universo observável – no sentido de que pode existir outros ainda inacessíveis a nossos sentidos e instrumentos – começou com uma explosão por volta de 13 a 14 bilhões de anos.

Ao explicar os procedimentos e métodos que levam os cientistas a conjecturar suas hipóteses, o escritor britânico faz menção a um instrumento muito importante ainda que pouco conhecido: o espectroscópio. “O espectroscópio é uma máquina de arco-íris. Quando acoplado a um telescópio, ele capta a luz de uma estrela ou galáxia e a separa em um espectro, como Newton fez com o prisma” (p. 170), só que de uma forma mais refinada, o que possibilita fazer medições referentes à luz de diferentes estrelas que produzem “arco-íris”, que se distinguem de diversas maneiras, e isso revela muito sobre elas e sua composição. “O arco-íris não é apenas bonito de se ver. De certa forma, ele nos diz quando tudo começou, inclusive o tempo e o espaço. Para mim, isso o torna ainda mais belo” (p. 180).

Então chegamos à pergunta do nono capítulo: *Estamos sozinhos?* (p. 182-203). Dawkins nos lembra que foi só recentemente – levando em consideração, por exemplo, a escala de tempo geológica –, no século XVI, que os cientistas compreenderam que não era o Sol que orbitava a Terra e que existem outros planetas em nosso sistema solar; mais recente ainda foram as descobertas a respeito das distâncias e número de estrelas de outras galáxias. Neste capítulo Dawkins analisa como a ideia de extraterrestres provavelmente se difundiu na sociedade e responde à grande pergunta: existe realmente vida em outros planetas? Sua resposta é objetiva e pontual: ninguém sabe.

“Uma das grandes virtudes da ciência é que os cientistas sabem quando não sabem algo e admitem sua ignorância. Isso porque não saber a resposta é um estimulante desafio para tentar descobri-la”, afirma (p. 188). Na opinião dele, deve existir vida em milhões de planetas, e que não necessariamente ela se configura do mesmo modo que a humana ou de outros seres vivos terrestres, ainda que devam existir algumas características comuns. Porque a principal referência de vida é a existência de uma estrela, e

a energia que ela emite aos planetas de sua órbita, a depender do grau de proximidade e distância dos mesmos, permite a existência da vida – como acontece com o Sol em relação à Terra –, o que leva pensar em algumas similaridades, como no desenvolvimento de olhos, por exemplo.

“Aposto que, se existirem em outros planetas criaturas capazes de enxergar, será com olhos de um tipo que nos pareceria familiar”, escreve Dawkins (p. 200), levando em consideração que a existência de vida pode pressupor luz, e essa por sua vez pressupõe olhos. Ao descrever o quanto a magia da realidade, diante de nós, é incrível e infinitamente potencial, Dawkins justifica sua defesa de que ela é “mais emocionante que a fantasia” (p. 202).

O que é um terremoto? (p. 204-225), indaga o biólogo evolucionista no décimo capítulo da obra. Ao abordar um dos temas mais preferidos dos fãs de filmes de catástrofes, Dawkins traz novamente alguns mitos. Diferentemente da maioria dos que foram descritos ao longo da obra, os primeiros que ele descreve no capítulo sobre o tema têm boas chances de realmente ter acontecido, como os citados na lenda judaica da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra e da queda de Jericó, uma das mais antigas cidades do mundo.

Para explicar os terremotos Dawkins remonta há cerca de 150 milhões de anos, em que os continentes faziam parte de uma mesma massa de terra denominada Gondwana, e como a moderna teoria da tectônica das placas terrestres contribui para perceber o conjunto de placas e sua interligação. Para o autor, sua movimentação associa-se diretamente aos terremotos e outras estruturas geológicas, como os vulcões e a cordilheira do Himalaia, por exemplo.

Depois de uma exposição sobre os terremotos, no décimo primeiro capítulo Dawkins aborda uma questão intrigante: *Por que coisas ruins acontecem?* (p. 226-245). Na verdade, ele afirma que a pergunta mais sensata a se fazer seria por que *alguma coisa acontece* – até porque se ficarmos apenas na primeira indagação, corremos o risco de esquecer que algo de ruim que acontece a uma pessoa pode ser boa para outra. “Há quem diga que tudo acontece por uma razão. Em certo sentido, é verdade. Tudo o que acontece *tem* uma razão, ou seja, os eventos têm causas, e a causa sempre vem antes do evento” (p. 236). Razão, nesse sentido, significa causa anterior, todavia muitos a utilizam no sentido de propósito.

O capítulo que encerra o livro tem como enfoque a pergunta *O que é um milagre?* (p. 246-265). “Em geral, quando ouvimos um relato sobre milagre, ele não vem de uma testemunha ocular, mas de alguém que ouviu outra pessoa contar, que ouviu de outro alguém, que por sua vez ouviu do primo da sogra da irmã...” (p. 248). Como diz um velho ditado, *quem conta um conto aumenta um ponto*, portanto não é de estranhar que histórias de milagres tenham tamanha dimensão na vida de muita gente, uma vez que elas não somente acrescentam outros aspectos à suposta ideia original, mas a utilizam subjetivamente para que as pessoas se identifiquem com as histórias, assim como relatos orais sobre fantasmas e espíritos, por exemplo.

As pessoas sentem prazer em passar adiante histórias de fantasma. O mesmo vale para milagre. E se um rumor sobre um milagre for escrito em um livro, torna-se difícil refutá-lo,

principalmente se o livro for antigo. Quando o rumor é suficientemente antigo, começa a ser chamado de tradição, e as pessoas acreditam nele ainda mais (p. 250-251).

Dawkins considera estranho como as pessoas não conseguem perceber que esses rumores antigos tiveram mais tempo para ser distorcido do que os recentes, sobretudo ao destacar que muitos são descartados quando passam por uma análise mais minuciosa. Com base no trabalho de David Hume, pensador escocês do século XVIII, que definiu milagre como a transgressão de uma lei da natureza, o escritor britânico examina e traz um dos mais famosos exemplos de um suposto milagre na nossa história, o “milagre de Fátima”, referente às três crianças que relataram ter tido uma visão na colina de uma mulher chamada “Virgem Maria”.

Muitas vezes, milagres, ou eventos inexplicáveis, não passam de uma brincadeira para chamar atenção, o que pode ser cômico, como no caso das primas Elsie e Frances, que no ano de 1917 convenceram diversas pessoas de que haviam fotografado fadas enquanto brincavam no jardim, entre elas o escritor Arthur Conan Doyle, autor de um dos mais célebres personagens da literatura, Sherlock Holmes, famoso justamente por resolver casos considerados inexplicáveis ou sem solução. No entanto, esses rumores também podem ser terrivelmente trágicos, como quando o autor comenta sobre o que aconteceu em Salém, vilarejo da Nova Inglaterra, no século XVII, em que um grupo de meninas começou a inventar histórias sobre bruxas.

Infelizmente, os supersticiosos adultos da comunidade acreditaram nelas. Muitas mulheres idosas e também alguns homens foram acusados de bruxaria, ligação com o Demônio e de lançar feitiços contra essas meninas, que disseram tê-los visto voar e fazer outras coisas estranhas que se pensava que os bruxos faziam. As consequências foram gravíssimas: o testemunho das meninas mandou quase vinte pessoas para a forca. Um homem chegou a ser esmagado sob pedras, uma coisa medonha que aconteceu para uma pessoa inocente só porque umas garotas inventaram histórias sobre ele (p. 256).

O perigo de considerar algo como sobrenatural, segundo Dawkins, é que essa atitude impossibilita o indivíduo de buscar técnicas e métodos para tentar descobrir o que aquilo realmente é ou pode ser, antes de supor que foge à compreensão e por isso não há alternativa. Mesmo que deixemos de lado a curiosidade e nos contentemos em não querer saber, isso não significa que tenhamos de “voltar aos tempos medievais para sustentar nosso argumento” (p. 264), como quando ainda hoje percebemos exemplos que evocam atitudes drásticas e radicais contra os que questionam certos dogmas.

Não há problema em não ter uma resposta apropriada para os enigmas e mistérios que surgem na sociedade. Porém, a resignação, quando levada ao limite da ignorância para satisfazer os desejos de mentes sádicas e insanas, torna-se perigoso, pois sai de um campo menor, do particular, para outro maior, o coletivo; do individual para o social. Desse modo, o que hoje acontece no mundo, que enfrenta a crise do novo coronavírus e ainda tem que combater discursos que tentam minimizar seu impacto, ilustra os riscos não apenas aos

indivíduos, mas à sociedade, quando certos “mitos” ganham voz e vez² em demasia.

Ao fim da leitura de “A magia da realidade”, fica a sensação de que, mesmo sendo publicada em 2012, a obra merece ser lida, comentada e compartilhada hoje, em nossos tempos. Iniciando a maioria dos capítulos com uma explicação mítica para introduzir o assunto e abordando-o em seguida a partir do ponto de vista da Ciência, Dawkins nos permite uma dupla experiência de aprendizagem: uma traduzida nos relatos orais, compartilhando ideias de gerações passadas sobre o mundo, e outra referente a uma concepção mais atual.

Concordando ou não com Dawkins, não tem como deixar de afirmar que “a verdade tem sua própria magia. Ela é [ou pode ser] mais mágica – no melhor e mais fascinante sentido dessa palavra – do que qualquer mito, mistério ou milagres inventados. A ciência tem sua própria magia: a magia da realidade” (p. 265, grifos nossos). Nesse sentido, também podemos acreditar nas palavras de Rubem Alves (1987), em que na área da Educação, da formação, do processo de ensino e de aprendizagem, a ciência pode ser alegre e encantadora como empinar papagaios³.

Uma última nota de observação: esteticamente, esta é uma obra que beira à perfeição, com ilustrações de uma riqueza e de uma qualidade extraordinárias. Impresso em capa dura e com miolo em papel couché, as ilustrações do também britânico Dave McKean parecem ganhar vida e inspiram a imaginar e compreender muitas das questões postas por Dawkins. Um livro que pode agradar a todos os públicos, dos mais especialistas aos leigos, de adultos a crianças. Em tempos de distanciamento espacial e isolamento social, “A magia da realidade” certamente será uma ótima companhia para esse momento, do mesmo modo que sua leitura pode contribuir para dar mais crédito à Ciência e aos cientistas, algo tão necessário ultimamente, como Átila Iamarino (2020), divulgador científico brasileiro em sua participação no programa Roda Viva⁴, ressaltou no final do primeiro mês da pandemia da Covid-19 no Brasil.

Referências

ADAMS, Douglas. **O salmão da dúvida**. São Paulo: Arqueiro, 2014.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DAWKINS, Richard. **A magia da realidade**: como sabemos o que é verdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

² Aqui refiro-me especialmente ao “mito” Jair Bolsonaro, que foi eleito presidente da República no Brasil e hoje propaga uma série de informações falsas e fictícias sobre diversos assuntos de relevo social, alimentando a sede de seus seguidores fiéis.

³ Que a depender do local pode ter outras designações, como pipa, pandorga, arraia, quadrado, entre outros.

⁴ Programa que vai ao ar na TV Cultura desde 1986, recebendo convidados de renome no cenário nacional e internacional.

SANTOS, J. D. A. *A magia da realidade: mitos, ficção e ciência*.

DAWKINS, Richard. **Ciência na alma**: escritos de um racionalista fervoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IAMARINO, Átila. COVID-19. **Roda Viva**, São Paulo, Mar., 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s00BzYazxvU>

MACHADO, Rosana Pinheiro. Coronavírus: Bolsonaro só acredita na 'ciência' quando o resultado lhe interessa. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, Mar., 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/31/coronavirus-bolsonaro-anti-ciencia/>

NBC. NYC Poison Control Calls for Bleach, Lysol Double After Trump Disinfectant Comment. **NBC**, New York, Abr., 2020. Disponível em: <https://www.nbcnewyork.com/news/local/nyc-poison-control-calls-for-bleach-lysol-double-after-trump-disinfectant-comment/2389593/>

ROSA, Ana Beatriz. O que acontece quando um 'negador da ciência' se torna presidente. **HuffPost Brasil**, São Paulo, Ago., 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-ciencia_br_5d4de8d8e4b0fc06ace7d376

VERSIGNASSI, Alexandre. Richard Dawkins: o profeta de Darwin. **Revista Super Interessante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ele-esta-no-meio-de-nos/> Acesso em: 23 fev. 2021.

Palavras-chave: Mitos, Ficção, Ciência, Realidade.

Keywords: Myths, Fiction, Science, Reality.

Enviado em: 30/abril/2020 | Aprovado em: 21/novembro/2020